

RACISMO ESTRUTURAL NO CONTEXTO ESCOLAR BRASILEIRO: UMA REFLEXÃO À LUZ DA PSICOLOGIA SOCIAL

Flávia Marques da Fonseca Fernandes^I

Fernando Cotta Trópia Dias^{II}

RESUMO

A relevância e as urgências que o tema do racismo apresentam para a sociedade brasileira tem motivado constantemente às Ciências Sociais e Humanas a investigar intensamente seus desdobramentos históricos, bem como, as reminiscências de suas emergências atuais em pauta. Assim, a presente pesquisa, sob a ótica da Psicologia Social, buscou investigar o fenômeno do racismo estrutural/institucional no Brasil, em seus impasses dentro do contexto escolar, conhecer a naturalização dos processos da manifestação do racismo e compreender como esta prática fomenta a invisibilidade do negro na escola, analisando em geral as influências psicossociais que o racismo traz para a vida dos negros. Trata-se de uma Pesquisa Documental, qualitativa e de natureza descritiva. Para tanto, foi realizada uma análise dos filmes documentários **Você Faz a Diferença e Caminhos da Reportagem – Racismo na Escola**. Justifica-se pela necessidade de questionar o silêncio da sociedade civil e das camadas políticas acerca do fenômeno, fomentar a ampliação do debate e das reflexões no campo da Psicologia para uma maior compreensão e denúncia desta violência naturalizada e enraizada nos processos de socialização. A presente pesquisa evidenciou um racismo estrutural enraizado, mantido e reproduzido no contexto escolar que revela a invisibilidade do negro, a desigualdade que distancia negros e brancos, além de dar mais voz a essa população, denunciando e questionando o silêncio em relação ao tema.

Palavras-chave: Racismo. Preconceito. Psicologia Social. Contexto Escolar.

ABSTRACT

The relevance and urgencies that the theme of racism presents to Brazilian society has constantly motivated the Social and Human Sciences to intensively investigate its historical developments, as well as the reminiscences of its current emergencies on the agenda. Thus, this research, from the perspective of Social Psychology, sought to investigate the phenomenon of structural/institutional racism in Brazil, in its impasses within the school context, to know the naturalization of the processes of manifestation of racism and to understand how this practice fosters the invisibility of the black at school, analyzing in general the psychosocial influences that racism brings to the lives of blacks. It is a Documentary Research, qualitative and descriptive in nature. To this end, an analysis of the documentary films **You Make a Difference and Paths of Reportage - Racism at School was carried out**. It is justified by the need to question the silence of civil society and political strata about the phenomenon, to foster the expansion of the debate and reflections in the field of Psychology for a greater understanding and denunciation of this naturalized and rooted violence in the processes of socialization. The present research showed a structural racism rooted, maintained and reproduced in the school context that reveals the invisibility of the black, the inequality that distances blacks and whites, besides giving more voice to this population, denouncing and questioning the silence regarding the theme.

Keywords: Racism. Preconception. Social Psychology. School Context.

^I Graduanda em Psicologia, Bacharelado, pela faculdade Ciências da Vida (FCV), Sete Lagoas/MG. *e-mail*: flaviamarques52@hotmail.com

^{II} Mestre em Psicologia – Processos Psicossociais e Socioeducativos - UFSJ/2014. *e-mail*: fctropiadias@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

Entre as preocupações que permeiam o fazer da Psicologia Social, estão às questões relacionadas ao racismo estrutural que é um processo histórico e político estruturalmente reproduzido, em que sujeitos racializados são relegados a condição de subalternidade (ALMEIDA, 2018). Este é ainda um desafio urgente na garantia de direitos e dignidade da população negra que em pleno século XXI ainda é perceptível a permanência da ideia do desmerecimento dos negros. O racismo marcou a história da sociedade brasileira e perpassa todos os âmbitos da vida social, por vezes alimentado até pelo discurso dito científico, de pretensa inferioridade do negro, o que o desqualifica tanto simbolicamente como materialmente (MIRANDA; TOLEDO; ANDRADE, 2018).

Nas escolas a realidade não é diferente do que se passa na vida em sociedade maior, mesmo o contexto escolar sendo visto como um espaço de pluralidade e debate das questões inerentes aos dramas humanos sejam estes intelectuais, éticos e/ou morais. Esta instituição, como produto social, não ficou imune ao percurso do racismo estrutural, sobretudo, quando se mantém indiferente ao debate e à inclusão de diferentes grupos raciais, classes sociais, dentre outros, fatores estes que contribuem com a condição de exclusão desses indivíduos mais marginalizados e alvo do preconceito histórico (KUPFER; PATTO; VOLTOLINI, 2017).

Sendo assim, buscou-se avaliar, dentro dos pressupostos teóricos da Psicologia Social, as influências e manifestações do racismo estrutural no cenário escolar brasileiro, à luz dos filmes documentários: “Você faz a diferença” e “Caminhos da Reportagem - Racismo na Escola”. Como objetivos específicos, buscou-se compreender como esta prática pode reforçar a invisibilidade do negro dentro da instituição escolar, naturalizar estigmas historicamente determinados nas relações sociais e, por fim carregar, que tipo de implicações o racismo estrutural produz na vida dos negros.

O racismo está presente no cotidiano da sociedade brasileira, na escola, no trabalho, enfim, em todos os contextos que a compõem. Nenhum destes espaços do micro ou macrocosmo sociais ficaram imunes aos efeitos deste fenômeno. A presente pesquisa, assim, problematizou o racismo estrutural em contexto escolar, embora este seja um tema por vezes recorrente no campo das ciências sociais em geral. O tema ainda se apresenta como eixo que suscita uma violência naturalizada e enraizada nos processos de socialização, sendo uma ferida aberta na história da sociedade brasileira. Questionar o silêncio da sociedade civil e das camadas políticas acerca do fenômeno fomenta mais a pertinência do debate e permite

ampliaras reflexões no campo da psicologia para uma maior compreensão, denúncia e entendimento do tema. Além disso, buscou-se dar visibilidade ao negro e contribuir com a luta no combate e no enfrentamento ao racismo estrutural de cada dia dentro da instituição escolar. Procurou-se também mostrar a atuação do racismo em meio às relações interpessoais em todos os níveis hierárquicos da escola.

Sobretudo, buscou-se cumprir com a função social desta ciência psicológica, cooperando com a desconstrução do mito da “democracia racial” no senso comum nacional e de ideia rasa, por vezes nos discursos, de que no campo escolar não se tem brecha para manifestações de comportamentos racistas. Justifica-se de maneira relevante pela contribuição que se estende a comunidade acadêmica, escolar, profissionais da área da Psicologia, da área da Educação como um todo e com a sociedade civil, na formação de uma maior consciência crítica sobre a importância de reconhecer a existência do problema. Entende-se também que pela riqueza do tema, que é importante pensar em paralelo a atuação do psicólogo escolar meio a esse contexto, porém, a atuação do psicólogo nas escolas não foi aqui o foco desta pesquisa, senão como constatação correlata pertinente, visando investigações posteriores afins, em face aos desafios de enfrentamento complexos e multifacetados do racismo na prática *psi*.

Para a coleta de dados foi realizada uma pesquisa de cunho documental, qualitativa e descritiva, e para isso se utilizou de recortes de dois documentários, a saber: “Você Faz a Diferença” e “Caminhos da Reportagem/Racismo na Escola”. As análises e discussões que a pesquisa permitiu indicar salientam que o racismo persiste arraigado na sociedade e continua inviabilizando e marginalizando a população negra, sobretudo, no contexto escolar, que se mantém naturalizando e reproduzindo o fenômeno. Por outro lado, vale ressaltar, também em contextos escolares, a existência de uma luta que avança de maneira contínua em busca de maior dignidade e garantia de direitos para essa população.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. A HISTORICIDADE DO RACISMO ESTRUTURAL NO BRASIL

No Brasil, de meados do século XIX ao início do século XX, o racismo foi justificado e naturalizado através do pensamento biológico ou pseudocientífico de Raimundo Nina Rodrigues, um médico legista, psiquiatra e antropólogo que se dedicou a pesquisar sobre

a temática do negro. Este compreendia haver superioridade de uma raça em relação à outra, acreditava que o negro impedia qualquer projeto de prosperidade civilizatória por não haver uma busca por uma homogeneidade racial (RODRIGUES, 2010). Por outro lado, Gilberto Freyre, considerado um dos maiores sociólogos do século XX via nesse contraste uma solução, diferentemente da maioria dos intelectuais da época, enxergava na miscigenação a característica que daria unidade e a possibilidade de uma relação menos conflituosa (FREYRE, 2003). No entanto, Florestan Fernandes, sociólogo e político brasileiro, constatou que a convivência entre brancos e negros na sociedade sempre foi conflituosa e desigual (FERNANDES, 2008). Para ele, o questionamento era como lidar com o desajuste social entre negros e brancos, em todas as esferas da sociedade brasileira (OLIVEIRA, 2017).

Ainda em meados do século XIX, após o tráfico interatlântico ser proibido no Brasil, houve também uma tentativa de “melhoria” da raça em que o governo brasileiro incentivou o país a incorporar o embranquecimento racial por meio de casamentos inter-raciais, pois, após a abolição da escravatura o Brasil precisou se preocupar com a “questão negra”. Além disso, a política nacional de promoção da imigração europeia visava também completar a mão de obra brasileira que estava escassa em função do processo de abolição e a construção de uma sociedade distinta dos negros. Porém, esse fato contribuiu com a desvalorização da estética negra em função da valorização da estética branca eurocêntrica (NEVES; SILVA, 2019). No entanto, em decorrência deste processo, surge o mito da noção de democracia racial com o propósito de infundir no imaginário social a ideia da inexistência do racismo na consciência das pessoas no país, propondo um ideal de respeito, igualdade e harmonia entre as raças, pretensamente realizado, conquistado. O mito da democracia racial no Brasil se tornou, talvez, a forma de racismo mais cruel até o momento, agindo de forma sutil nos discursos e com *status* de democracia incluída (VIEIRA, 2018).

Como a raça serviu e serve apenas para descrever e estigmatizar minorias, pessoas brancas não se autot classificam, pois ser branco possibilita ao sujeito a não necessidade da construção de uma consciência racial, pois não implica em dificuldades negativas na sua formação subjetiva de identidade pessoal e grupal (BARRIOS; CAETANO, 2018; BASTOS, 2016). Restou assim a herança de uma estrutura histórico-social que segrega e prejudica o dia a dia de grupos específicos de pessoas negras e esse tem sido um dos principais fatores estruturantes das injustiças sociais provocadas na sociedade brasileira. Sociedade esta, onde mais da metade de sua população é negra e, dentre estes, a maior parte é empobrecida e marginalizada (BARRIOS; CAETANO, 2018).

Desde então, poucos foram os avanços em relação ao racismo, que ainda consiste em uma alienação ideológica que negou e continua negando ao indivíduo negro a possibilidade de se desenvolver numa representatividade legítima, digna, com a garantia de alcance aos direitos humanos e civis irrestritos tão almejados. Assim, o fenômeno do racismo estrutural permanece sendo reproduzido pela sociedade para a dominação de homens e, sobretudo de mulheres preteridos e segregados por sua ancestralidade africana, trazidos nos cabelos, na cor da pele e em seus fenótipos (SILVA, 2016; MIRANDA; TOLEDO; ANDRADE, 2018). Portanto, têm-se que o racismo está para além de um fenômeno microssocial, pois perpassa relações ontológicas, ideológicas, culturais, atitudes práticas e comportamentos estruturados em sistemas capazes de alimentar as práticas de discriminação racial (CAMPOS, 2017).

Ainda hoje, existe uma distância inaceitável que separa negros de brancos, em pleno século XXI, e essas condições podem ser vistas nas relações diárias e de maneira sutil muitas vezes, determinando o futuro desses indivíduos, e perspectivas restritas de ascensão social e longevidade. O racismo ultrapassa o âmbito institucional por estar na essência da sociedade brasileira e assim é apropriado para a manutenção, reprodução das desigualdades e privilégios, mostrandose como mecanismo de perpetuação do atual estado das coisas (BARRIOS; CAETANO, 2018). Sendo assim, o racismo se mantém persistente na contemporaneidade com as reminiscências dos tempos coloniais, escondido nas questões de classe, de pobreza, de vulnerabilidade e de inércia do Estado, podendo ser visualizado, como exemplos, no acesso precário às políticas públicas inclusivas, com caráter de intervenção e transformação social, de educação escolar, de trabalho digno e de maior acesso aos bens culturais (GOMES; LABORNE, 2018).

Diante desta realidade, pensar o racismo do âmbito geral macrossocial para deslocar dentro do espaço escolar é assim relevante. Esse fator pode ser fundamental na construção do processo de desnaturalização do tema desde muito cedo, podendo ser trabalhado com debates e reflexões contínuas neste contexto, juntamente com crianças, adolescentes, jovens e adultos, e contribuir para a desconstrução deste fenômeno estigmatizante e perverso.

2.2. O PRECONCEITO RACIAL E A REALIDADE DO COTIDIANO ESCOLAR

A instituição escolar, independentemente de ser pública ou privada, é o ambiente de ensino-aprendizagem, do ensino de saberes sistematizados criados pela sociedade. Nessa instituição se ensina e se aprende valores sociais que contribuem para a formação de bons

cidadãos engajados com a prática da cidadania. É um espaço de reflexão de temas distintos que auxiliam na construção de conceitos que valorizam o bem comum (ARAÚJO; BRAGA, 2019).

No entanto, a escola também é parte da sociedade e por isso não ficou isenta das influências do contexto sócio-histórico, e não fugiu de propagar e disseminar os padrões racistas praticados na sociedade civil mais ampla. Por vezes, as práticas intramuros das escolas também revelam a inferioridade em que o negro é colocado, notado seja nos materiais didáticos que as escolas utilizam, seja no descuido diante de práticas racistas entre alunos, professores e outros profissionais inseridos no contexto escolar. Aparentemente, também nos discursos de amenização diante de situações racistas e na incapacidade dos envolvidos para lidar com a questão racial de forma mais incisiva. Cabe a escola atentar com rigorosidade à questão do racismo para não atuar o fenômeno, mantendo e difundindo o preconceito entre seus atores (ALMEIDA; ANJOS, 2017; TUONO; VAZ, 2017^a).

Pensar, aliás, que o Brasil é o país que mais escravizou historicamente os africanos remete à necessidade de reparação dessa atitude também por meio de organizações escolares mais inclusivas, que fomentem em seus atores o desejo de reconhecimento ao grupo racial pertencente, com respeito à valorização e à divulgação dos processos históricos de resistência negra e por seus descendentes, assim como respeito à cultura e história do povo africano (NOGUEIRA; DOMINGOS, 2018). No entanto, no cenário educacional brasileiro, poucos foram os avanços, pois este ainda vem se apresentando como um espaço de reprodução persistente do histórico de desigualdades raciais e sociais. Desigualdades essas que vêm sendo colocadas em pauta na busca sempre permanente de debates abertos com os temas da diversidade, equidade e inclusão na educação, por meio de problematizações, indagações e avanços das políticas públicas e do sistema de ensino (GOMES, 2011).

Entretanto, neste sentido, pode se destacar a Lei nº10.639/03, por meio do parecer CNE/CP 03/2004 e da Resolução CNE/CP/01/2004, que insere a obrigatoriedade do estudo da "História e Cultura Afro-Brasileira" e introduz a questão racial nas metas educacionais do país (BRASIL, 2003). Trata-se de uma política afirmativa que visa valorizar a cultura dos negros e sua memória histórica.

Acredita-se na eficácia da Lei citada acima e em sua capacidade de promover mudança de atitude em relação ao racismo, pois, o reconhecimento das origens e da história do indivíduo podem possibilitar uma identificação com a mesma. O processo de tornar consciente sobre a importância do negro na construção da sociedade por meio da verdadeira

história desse povo pode contribuir com a ressubjetivação destes, na reconstrução da identidade negra roubada (TUONO; VAZ, 2017^b; GOMES, 2011).

Sendo a escola considerada o local propiciador da convivência humana, toda pauta da variedade cultural e étnica deveria ser motivo de enriquecimento para essa convivência. Porém, a maneira como este espaço social está arranjado pouco contribui ou possibilita que as diferenças presentes sejam valorizadas e respeitadas, pois a escola, na maior parte das vezes, privilegia um único segmento racial. O negro, ao não se ver representado no ambiente escolar, na mídia ou nos recursos pedagógicos utilizados, sente-se excluído, como um corpo causador de estranheza em meio à vida social normatizada como ideal (GUIMARÃES; PINTO, 2016).

Daí a importância de fomentar o debate em torno do tema diversidade no âmbito da educação, para a construção de uma sociedade mais igualitária e equânime. Promover a igualdade, com reconhecimento e respeito ao diferente, sem que o acesso lhes sejam restritos, nem tão pouco sejam estigmatizados nas diferenças que compõem esses grupos (GOMES, 2011). Debater o tema nas escolas é importante para desconstruir discursos de que o racismo não está presente também no contexto escolar, dando a entender que a necessidade de se discutir o tema é anacrônica e parte de um interesse único dos negros (SOUZA, 2017). Para a construção dessa sociedade mais igualitária, começar problematizando o contexto escolar e as mudanças neste cenário são fundamentais. Sabe-se que não existe entre saberes, culturas e conhecimentos uma hierarquia, e sim uma história construída sob um processo de dominação, exploração e colonização que resultou numa hierarquização de culturas, povos e raças por meio das culturas negadas e silenciadas (GOMES, 2012).

Vale destacar que na escola o racismo apresenta as mesmas características do racismo existente na sociedade. Acontecem também sutilmente e de diferentes formas, mantido pela crença no mito da “democracia racial”. Um ideal a ser alcançado é construir uma escola para todos, em que as diferenças de seus sujeitos possam ser respeitadas e valorizadas, além de preparar futuros cidadãos capazes de lidar e enfrentar as controvérsias da vida adulta e os preconceitos de toda ordem (GUIMARÃES; PINTO, 2016).

Desse modo, pode-se discutir a importância da ciência psicológica em se pensar os atravessamentos do racismo intramuros das escolas, no intuito de não só denunciar as continuidades de seus processos de exclusão nas relações interpessoais e em suas práticas pedagógicas, como também, no intuito de se trazer indicativos de se pensar uma sociedade mais diversa e plural, de acessos e oportunidades mais incluídas, por meio de uma educação cidadã e crítica das violências múltiplas ainda prevalentes.

3 METODOLOGIA

O recurso metodológico utilizado para coleta de dados e análise do presente tema se deu através de uma pesquisa documental, considerada como qualitativa, pois buscou alcançar uma compreensão aprofundada sobre o tema. A pesquisa qualitativa entende a ciência como um campo do conhecimento que se constrói por meio das interações sociais entre indivíduo e contexto sociocultural no qual pertence. Busca ainda compreender os significados dos fenômenos por meio das experiências vivenciadas por seus atores e entende a ciência como um campo do conhecimento motivado pelos indivíduos que significam, por meio da interação social e da cultura, o mundo e seus fenômenos. Na utilização da pesquisa qualitativa não se tem a pretensão de que a opinião individual ou do grupo seja a representação de toda a população, mas sim um *corpus*, que representa uma escolha sistemática de um grupo ou sujeito para conhecê-lo (MÓL, 2017; LIMA; MOREIRA, 2015).

A pesquisa documental por sua vez é caracterizada como uma pesquisa em que não há contato direto entre pesquisador e sujeito estudado. Sua utilização em várias áreas das Ciências Sociais e Humanas possibilita a ampliação e entendimento do objeto, uma vez que é preciso a compreensão e explicação histórica e raízes socioculturais. São denominados documentos uma vasta gama de registros, que inclui fotos, vídeos, jornais, registros escolares, diários, vários tipos de atividades escolares como: (provas, redações e trabalhos), entre outros. Uma das vantagens de se realizar uma pesquisa documental é a possibilidade de estudar indivíduos aos quais não se tem acesso direto por diversos motivos, como a distância entre pesquisador e objeto de pesquisa, além da manutenção da fidedignidade do documento mesmo com o passar do tempo (MÓL, 2017; KRIPK; SCHELLER; BONOTO, 2015; FIGUEIREDO, 2007).

A presente pesquisa se configura como descritiva, pois busca registrar os aspectos que envolvem os fatos e fenômenos, com a finalidade de alcançar novas informações sobre o racismo estrutural em contexto escolar (GIL, 2002). A fundamentação teórica se deu por meio de artigos científicos disponíveis nas bases de dados SCIELO, Revistas Científicas e Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC). Os artigos foram pesquisados e selecionados por meios dos seguintes descritores: racismo estrutural; discriminação racial; preconceito racial; psicologia social; racismo na escola e educação. A técnica utilizada para a coleta, tabulação e verificação do conhecimento científico empregou-se o método de análise

documental e a categorização de unidades de análise feita por meio do próprio referencial teórico-metodológico utilizado na pesquisa. Foram analisados os documentários “Caminhos da Reportagem” e “Você Faz a Diferença”, disponíveis no YouTube.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 ANÁLISES CRÍTICO-DESCRIPTIVAS DOS FILMES DOCUMENTÁRIOS

Você Faz a Diferença

O documentário “Você faz a diferença” faz parte do programa *São Paulo: Educando pela Diferença e Para a Igualdade*. O programa é destinado à formação continuada de professores de escolas estaduais de ensino de São Paulo e ocorreu entre os anos de 2004 e 2006, para a implementação e aplicação da Lei federal nº 10.639, sancionada em 09 de janeiro de 2003 (BRASIL, 2003). Traz um diálogo aberto sobre o racismo e o preconceito diante das diferenças existente na sociedade brasileira e, sobretudo, no cenário escolar. Dirigido por Miriam Chnaiderman, produzido no ano de 2005, o curta metragem revela, através dos depoimentos de alunos, professores e demais profissionais inseridos no contexto escolar, a experiência de vivenciar o racismo de cada dia.

O cenário é real, são escolas estaduais de São Paulo, onde professores e alunos relatam episódios de discriminação racial, pessoais aos quais foram expostos. Neste sentido professores e alunos expõe a importância de fomentar o tema, retratando a realidade em que os atores envolvidos são vítimas de um sistema estruturado, que desqualifica, humilha e coage indivíduos por seus fenótipos. O documentário também apresenta um pouco da cultura do HIP HOP, que é um gênero musical, uma cultura popular, apresenta sua contribuição no processo de reconhecimento e resgate da identidade negra. Com o objetivo de refletir sobre as diferenças que ainda assombram a sociedade professores e alunos buscam externar e denunciar o silêncio frente às atitudes racistas e das constantes amenizações/naturalizações destas situações, pela dificuldade em lidar com as questões raciais no contexto escolar.

Caminhos da Reportagem/Racismo na Escola - TV Brasil

O programa Caminhos da Reportagem, caracterizado pelo gênero “Documentário”, apresentou a matéria “Racismo na Escola,” por meio de reportagens em instituições de ensino do estado de São Paulo. Os relatos englobam todas as etapas do processo educacional, da

Educação Infantil ao Curso Superior. Os cenários de gravações foram o Colégio Maia, Guarulhos/SP, Faculdade Zumbi dos Palmares, Instituição Comunitária de Ensino Superior, Bom Retiro/SP, Coletivo Negro Kimpa–Unesp, Bauru/SP e EMEI Guia Lopes, Jardim Pereira Leite/SP.

A reportagem foi produzida por Luana Ibeli e Thaís Rosa, dirigida por Bianca Vasconcelos, exibida em 17/11/2016 pela TV Brasil, mais atual, portanto, e com duração de 51:40'. O tema da reportagem em questão explicitou situações de desrespeito e preconceito presente nestes contextos, com relatos de manifestações de racismo e situações discriminatórias. Mostram também como os corpos negros e os cabelos crespos ainda causam estranheza e provocam violência gratuita intra e extramuros das escolas.

As cenas revelam o quanto estudantes, professores, dentre outros negros que compõe o quadro educacional, ainda são alvo de desrespeito e agressão pela cor de sua pele. Apresenta também como o tema tem sido tratado e discutidos dentro destes contextos com o objetivo de denunciar e combater a prática da discriminação racial existente nestes. Em contrapartida, as instituições trazem também relatos de boas experiências na luta contra o racismo e o preconceito e apontam possíveis caminhos que contribuem na desconstrução deste, na busca de uma sociedade mais igualitária.

4.2. RACISMO ESTRUTURAL E A NATURALIZAÇÃO DO PRECONCEITO RACIAL NO COTIDIANO DA ESCOLA: DINÂMICAS DE TRABALHO E SUAS INTERAÇÕES INTERPESSOAIS EM CONTEXTOS ESCOLARES

O racismo estrutural trata-se de um fenômeno enraizado na estrutura da sociedade. É um processo histórico e político que age de maneira sutil por meio de mecanismos de manutenção para a condição de inferioridade do negro em relação ao branco por sua cor de pele. Atua tornando invisíveis atores da vida real, estereotipando-os por seus fenótipos herdados de sua ancestralidade africana, negando a estes a possibilidade de se reconhecerem numa personalidade autêntica. Ao racismo estrutural é atribuído a responsabilização por muitas injustiças sociais sofridas pela população negra ao longo da história na sociedade brasileira.

O racismo deixou na estrutura da sociedade uma cicatriz que inviabiliza e naturaliza o que é ser negro, o que há muito, foi submetido à condição de inferioridade, sendo estes relegados e acometidos por diferentes tipos de violência e segregação. O fenômeno prejudicou

e continua prejudicando a vida desses sujeitos por seu pertencimento racial, cultural e fenotípico. Permanece sendo reproduzido e mantido num sistema de desigualdade entre negros e brancos (BARRIOS; CAETANO, 2018), como se apresenta nas falas a seguir.

Tinha uma professora na última escola que eu fui coordenadora pedagógica que ela não se dirigia a mim. A vice-diretora do meu lado e ela dizia: “enfim, você tem o resumo do que foi passado? Eu não vim.” A diretora falava: “A coordenadora é a Ione, ela está aqui, eu não faço HTPC, você pode pedir pra ela”. Ela saía não me pedia literalmente e explicitamente, ela fingia que eu não existia. (Professora, Ione – Documentário *Você Faz a Diferença*)

Uma vez eu fui com o cabelo solto para a escola, aí eu sentei, assim, tinha um menino sentado atrás de mim, daí ele falou assim: “Nossa! Cabelo feio”, aí eu perguntei pra ele, por quê? Aí ele falou: “Nada não, cabelo de preto é feio assim mesmo.” (Aimée, aluna – Documentário *Você faz diferença*)

Eu cresci em um bairro que na década de 70 tinha moradores tanto ricos quanto pobres, eu era da ala pobre, [...] e a minha professora ela era elitista, ela gostava mais das ricas e ela me colocou junto com uma menininha negra, a Cristiane. E no final do ano teve uma peça teatral, e o meu maior sonho era ser a princesa para usar a coroa, que brilhava. A coroa da princesa e a princesa foi dada para a menina rica do bairro e eu falei bom, não vou ser a princesa vou ser apenas a florzinha do jardim. A florzinha foi dada para outras crianças, aí eu falei não vou ser a florzinha vou ser pelo menos a abelha, a abelha foi dada para outras meninas a mim e a Cristiane, ficou o urubu, eu tenho fotos, vestida de urubu, eu e a Cristiane de urubu, porque a gente era pobre e a Cristiane além de ser pobre, por ser negra. (Professora Cássia – Documentário *Você faz a diferença*)

A maneira como se apresenta a discriminação racial nas relações interpessoais da escola reafirmam que o racismo ainda é uma constante no cotidiano da sociedade brasileira, continua reproduzindo o processo de segregação em relação ao determinado grupo, mantendo o processo de desvantagens e da violência acometida nesses sujeitos ao longo da história. De maneira cruel ele produz dois tipos específicos de sofrimento às suas vítimas: o sofrimento interior de implicação direta em sua construção subjetiva ao se ver relegado a condição de inferioridade e invisibilidade, além do sofrimento exterior de humilhação por se deparar com o descaso e a impunidade em relação aos fatos.

4.3 O RACISMO INTEGRADO NA DESIGUALDADE SOCIAL E AS DIFERENTES PERSPECTIVAS ENTRE BRANCOS E NEGROS

Se de um lado existe um grupo discriminado socialmente por sua história, sua cultura e características físicas, de outro existe um grupo que, por não ser negro, não são identificados pela raça, pois, socialmente e historicamente não se exigiu-se essa condição. Esse grupo é privilegiado, pelo fato de ser branco são identificados ao padrão normativo social. Seus

privilégios estão para além do simbólico, são reais e visíveis, aparentes nas habitações, no acesso as melhores escolas e nos grandes cargos de trabalho dentro das instituições.

A desigualdade social além de outros fatores reflete de maneira intrínseca a história do racismo, esse fator é uma das consequências na vida do povo negro. Desde então a distância social entre negros e brancos persiste na sociedade, continua atuando privilegiando uma raça e subjugando a outra sem que houvesse qualquer tipo de reparação aos danos causados. O grupo de não negros segue alimentando uma estrutura de manutenção dos mecanismos que dividem as pessoas: política, social e economicamente. Tamanho é o contraste entre estes que mesmo quando negros e brancos alcançam posições econômicas equivalentes, ainda assim, socialmente o negro em algum momento será relegado à condição de inferioridade (MIRANDA; TOLEDO; ANDRADE, 2018; BARRIOS; CAETANO, 2018; GUIMARÃES; PINTO, 2016), como pode-se observar nas narrativas seguintes.

Então estudei numa escola onde era dividido a classe em duas: de um lado aqueles que tinham algum poder aquisitivo, de outro, aqueles que não possuíam e dentro dos que não possuíam estava a maioria de negros. (Professora, Maria - Documentário *Você faz a Diferença*)

A maioria das faxineiras são mulheres negras e aí você olha para sua sala de aula você vê assim muito aluno branco você olha pro corpo docente, a direção da faculdade, da universidade, são brancos. E aí você vê que as faxineiras são mulheres negras, os seguranças são homens negros no ambiente universitário você olha assim, você fala nossa qual que é o meu lugar aqui nesse espaço é realmente aqui na sala de aula ou é trabalhando sabe? (Tamires Gomes Sampaio – Estudante de Direito/ Mackenzie- *Caminhos da Reportagem*)

Só pelo fato de você ser negro, você trabalhar e você estudar você já quebra uma estatística porque eles vinculam como eu disse eles associam o negro a não querer saber de estudo então, uma vez que você trabalha, uma vez que você se forma pode ser no curso de Direito pode ser no curso de Administração o curso que for, você já está mostrando ei, eu to aqui e eu não to aqui porque eu sou um coitadinho, não. Eu to aqui porque eu mereço porque eu sou digno igual a qualquer um (Jéssica Mathias, Estudante Direito/ Zumbi dos Palmares -*Caminhos da Reportagem*)

Diante disso percebe-se a manutenção da condição da desigualdade social estabelecida, naturalizada pelo senso comum de que questões relacionadas ao racismo estão intimamente ligadas à questão social. Revela o racismo estrutural integrado percorrendo junto, como se um fenômeno pertencesse ao outro, se fundisse. No entanto, é fruto de uma construção social histórica que continua reforçando a condição de subalternidade do negro.

4.4 A ESCOLA COMO ESPAÇO DO DIÁLOGO E SUA IMPORTÂNCIA NA AMPLIAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO DO RASCISMO

A escola consiste num espaço de troca de saberes, tem um papel social fundamental na contribuição do processo de formação do indivíduo. Além dos saberes sistematizados ensinados na escola, esta também tem a função de contribuir com a promoção do respeito e da igualdade entre seus membros. Para tanto, é preciso repensar o silêncio existente nas instituições escolares perante o racismo, o preconceito e as práticas de atitudes discriminatórias.

Discutir o tema da diversidade na educação com enfoque no resgate da origem e cultura do negro é essencial para desconstrução do cenário atual. Construir uma sociedade mais igualitária não é um dever único da escola, porém, perpassa esse contexto que é de extrema relevância na formação desses indivíduos, na construção subjetiva e no processo de identificação racial de seus atores. Ela tem a capacidade de formar sujeitos politizados, capazes de questionar e denunciar desigualdades (MIRANDA; TOLEDO; ANDRADE, 2018; TUONO; VAZ, 2017^b; SOUZA, 2017; GOMES, 2012), como observar-se nos fragmentos a seguir.

Eu como professora eu trabalho com os alunos, o respeito, a igualdade entre eles, que não é a cor da pele que insere nas pessoas ser melhor ou ser pior que alguém (Professora, Marina – Documentário *Você faz a diferença*)

Uma das atividades que a gente faz, por exemplo: É leitura de imagem, então a gente escolhe algumas fotografias geralmente do Pierre Verger e tal e põe para as crianças legendar. Nós pegamos uma menina linda com sorriso largo na boca, a gente fala nossa quem será essa menina para legendar? “Ela é feia, porque ela é negra.” A professora paralisou. O que acabou acontecendo, a gente pegou a foto dessa menina criou uma história de vida pra essa menina e pegou uma foto de uma princesa real da África, do continente africano negra, linda, rindo. Então a classe além de fazer essa história pra esta figura que inicialmente foi chamada de feia e de negra e é negra porque é feia é feia porque negra, virou um monte de trabalho do ano inteiro, por exemplo: Ela ganhou um castelo, ela ganhou um livro e a gente não precisou falar olha ela não é feia ela é negra, mas, ela não é feia (Cibele Racy, Diretora – *Emei Guias Lopes – Caminhos da Reportagem*)

Pra se enfrentar o racismo que é uma coisa que ninguém declara muito [...], e tem que falar porque aí se revela o problema e aí a gente consegue agir. É não ter pressa para resolver nada né, a gente não fala nada leva a situação para o grupo de estudo dos professores, portanto, coletivamente se desenha se planeja uma ação para dar resposta aquilo que aconteceu, e nunca de forma direta para quem falou e nem pra quem foi alvo. Mas, a situação bem planejada consegue aliviar a dor de quem foi machucado e dar um recado diretamente a quem ofendeu (Cibele Racy, Diretora - *Emei Guias Lopes – Caminhos da Reportagem*)

Acredita-se na capacidade que a educação tem de promover nesses atores a possibilidade de desenvolver importantes papéis sociais em diferentes setores da sociedade. No entanto, o desenvolvimento desse papel só será realmente significativo quando ampliado por meio de um olhar crítico, capaz de fomentar questionamentos e reflexões. Não é possível

pensar qualquer transformação em relação ao fenômeno racismo, sem a participação da escola, em ações de combate ao racismo, com debates, roda de conversas que dêem voz ao povo negro. No intuito de romper com valores preconceituosos mantidos, os prejuízos dessas práticas na escola e fora dela e combatê-lo sistematicamente em prol de um mundo mais humano.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo avaliou os impasses e as influências do racismo estrutural dentro do contexto educacional e como este é mantido e reproduzido por meio das relações interpessoais em todos os níveis deste espaço. Para tanto se evidenciou que o racismo estrutural permanece fortemente enraizado no seio da sociedade e conseqüentemente, no âmbito escolar. Este fenômeno continua a marginalizar e a invisibilizar um grupo específico de pessoas que trazem em sua cor de pele o peso de uma história de segregação e humilhação, que vem se arrastando há anos, sem que haja qualquer tipo de reparação mais rigorosa e continuada aos danos causados em sua construção subjetiva, social e econômica, frente aos direitos e oportunidades negados a essa população.

Evidenciou-se ainda a tamanha desigualdade que distancia negros e não negros, perceptível no tratamento dispensado a estes no contexto escolar e como este fenômeno afeta diretamente a vida do povo negro. Tudo isso demonstra indícios que o trabalho traz brechas de reflexão para se pensar as diferenças entre as classes que, diante das circunstâncias sociais continua marginalizando. Para se debater o tema é preciso politizá-lo, tornando-o central em toda e qualquer política pública brasileira, ademais, é preciso avançar na ideia de que o racismo é um problema da sociedade brasileira e não só de negros ou de brancos racistas.

A pesquisa contribuiu para descortinar a invisibilidade do negro, e demonstrar que apesar de toda a desigualdade e de todo sofrimento que o racismo causa as suas vítimas, existe uma luta, uma resistência para o enfrentamento deste. Sobretudo, buscou cumprir com a função social desta ciência psicológica, fomentando um tema que ainda é considerado tabu na sociedade e contribuindo com a desconstrução do mito da “democracia racial”, principalmente no contexto escolar. Essa contribuição se estende a comunidade acadêmica, profissionais da área da Psicologia, profissionais da área da Educação, escolas e para a sociedade de modo geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, S. L. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte, Letramento, 2018.

ALMEIDA, S. Z. S; ANJOS, T. C. Relações Étnico-Raciais No Espaço Escolar. **Revista Coletivo SECONBA**, Bahia, v. 1, n. 1, p. 54-61, fev./2017. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/seconba/article/view/4152/2580>>. Acesso em: 20de abr. 2020.

ARAUJO, H. L. M. R; BRAGA, A. C. C. A Escola De Todas As Cores: O Papel Do Gestor Escolar No Combate Ao Racismo. **Revista Exitus**, Santarém/PA, v. 9, n. 2, p. 263 - 291, jun./2019. Disponível em: <<http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/863/444>>. Acesso em: 20de abr. 2020.

BARRIOS, A. F; CAETANO, M, R,V. Racismo Estruturante: As Vestes Do Tecido Social Brasileiro. **REVISTA GEPESVIDA**, [S. l.], v. 4, n. 8, p. 1-15, dez./2018. Disponível em: <<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida/article/view/300/138>>. Acesso em: 5de mar. 2020.

BASTOS, J. R. B. O lado branco do racismo: a gênese da identidade branca e a branquitude. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 8, n. 19, p. 211-231, jun./2016. Disponível em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/33>>. Acesso em: 29de abr. 2020.

BRASIL, Constituição Federal, - **LEI Nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. 182º da Independência e 115º da República. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm>. Acesso em: 02 de jun. 2018.

CAMINHOS da Reportagem. **Racismo na Escola**. Direção de Bianca Vasconcelos. São Paulo: TV Brasil, 2016. (51min. e 40 seg.). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lyu7wnba7iM>>. Acessos em:

CAMPOS, L. A. Racismo Em Três Dimensões: Uma Abordagem Realista/Crítica. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Rio De Janeiro, v. 32, n. 95, p. 1-19, abr./2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v32n95/0102-6909-rbcsoc-3295072017.pdf>>. Acesso em: 5de mar. 2020.

FERNANDES, F. **A integração do negro na Sociedade de Classes**. 5. ed. São Paulo: Globo, 2008.

FIGUEIREDO, N.M.A. **Método de metodologia na pesquisa científica**. 2ª ed. São Caetano do Sul, São Paulo, Yendis Editora, 2007.

FREYRE. G. **Casa Grande & Senzala**. 48 ed. São Paulo: Global. 2003

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª Edição. São Paulo. Editora Atlas S.A. 2002.

GOMES, N. L. - Diversidade Étnico Racial, Inclusão E Equidade Na Educação Brasileira: Desafios Políticas E Práticas. **RBPAAE**, [S. l.], v. 27, n. 1, p. 109-121, jan. 2011. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/rbpae/article/view/19971>>. Acesso em: 13de mar. 2020.

_____. Relações Étnicos Raciais, Educação E Descolonização Dos Currículos. **Currículo sem Fronteiras**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 98-109, abr./2012. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/11/curriculo-e-relacoes-raciais-nilma-lino-gomes.pdf>>. Acesso em: 20de abr. 2020.

GOMES, N. L.; LABORNE, A. A. P. Pedagogia Da Crueldade: Racismo E Extermínio Da Juventude Negra. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 34, p. 1-26, nov. 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/edur/v34/1982-6621-edur-34-e197406.pdf>>. Acesso em: 02 de mar. 2020.

GUIMARÃES, A. C.; PINTO, J. M. R. Discriminação Racial Na Escola: Vivências De Jovens Negros. **Revista Digital De Direito Administrativo**, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 512-524, jun. 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/306340271_Discriminacao_racial_na_escola_vivencias_de_jovens_negros>. Acesso em: 11 de mar. 2020

KRIPKA, R. M. L; SCHELLER, M; BONOTTO, D. L. Pesquisa documental: na pesquisa qualitativa: considerações sobre conceitos e características na Pesquisa Qualitativa. **Atas - Investigação Qualitativa em Educação**, [S. l.], v. 2, p. 243-247, 2015. Disponível em: <<https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/article/view/252>>. Acesso em: 2de jun. 2020.

KUPFER, M. C. M; PATTO, M. H. S; VOLTOLINI, R. **A escola transformadora: da escola que temos à escola que queremos**. In: Práticas inclusivas em escolas transformadoras: acolhendo o aluno-sujeito. São Paulo: Escuta, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.usp.br/item/002914162>>. Acesso em: 2 jun. 2020.

LIMA, M. S. B; MOREIRA, E. V. A pesquisa qualitativa em geografia. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v. 2, n. 37, p. 27-55, 2015. Disponível em: <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/4708>>. Acesso em: 2de jun. 2020.

MIRANDA, A. V; TOLEDO, M; ANDRADE, V. Racismo brasileiro: a cultura da percepção seletiva em uma visão psicológica social. **Revista Dissertar**, v. 1, n. 28 e 29, p. 56 - 66, jun./2018. Disponível em: <<http://revistadissertar.adesa.com.br/index.php/revistadissertar/article/view/6>>. Acesso em : 01 de mai. 2020.

MÓL, G. S. Pesquisa qualitativa em ensino de química. **Revista pesquisa qualitativa**, São Paulo, v. 5, n. 9, p. 495-513, 2017. Disponível em: <<https://editora.sepq.org.br/index.php/rpq/article/view/140>>. Acesso em: 28de abr. 2020.

NEVES, J. P. S; SILVA, M. A. M. O mito da democracia racial: contexto histórico brasileiro e a construção do racismo no Brasil. **Revista Educar Mais**, 3, v. 2, p. 158-166,

2019.<<http://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/1467>>. Acesso em: 15 de jun. 2020

NOGUEIRA, R. M. G. P; DOMINGOS, L. T. A Contribuição Da Literatura Para O Conhecimento E Reconhecimento Da História E Da Cultura Afro-Brasileira E Africana. **Identidade!** São Leopoldo, v. 23, n. 1, p. 91-104, jul./2018. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/identidade>>. Acesso em: 13de mar. 2020.

OLIVEIRA, V. F. Nina Rodrigues, Gilberto Freyre e Florestan Fernandes: três perspectivas distintas sobre a miscigenação. **Revista Sem Aspas**, Araraquara – SP – Brasil, v. 6, n. 1, p. 85- 91, jun./2017. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/semaspas/article/view/10344>>. Acesso em: 2 jun. 2020.

RODRIGUES, RN. **Os africanos no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. 303 p. ISBN: 978-85-7982-010-6.

SILVA, U. B. Sobre Embranquecimento, Miscigenação E Apropriação Cultural No Brasil. **Cadernos CERU**, Alagoas, v. 28, n. 1, p. 165-174, ago./2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/137138>>. Acesso em: 17de fev. 2020.

SOUZA, M. L. A. “Lá Na Escola (Não) Tem Racismo!”: reflexões sobre experiências formativas em educação para as relações étnico-raciais. **Revista Ensino Interdisciplinar**, Mossoró, RN, v. 3, n. 8, p. 193-209, maio/2017.

TUONO, N. E. F; VAZ, M. R. T. Do racismo ao direito à cultura afrodescendente na escola: aspectos históricos da afirmação da diversidade cultural brasileira. **Revista Acadêmica Licenciatura&acturas**, Ivoti, v. 5, n. 1, p. 29-39, 2017a. Disponível em: <http://www.ieduc.org.br/ojs/index.php/licenciaeacturas/article/view/140/121>. Acesso em: 21 mai. 2020.

_____. O racismo no contexto escolar e a prática docente. **Debates em Educação**, [S. l.], v. 9, n. 18, p. 204-216, 2017b. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/3151/2593>. Acesso em: 07 de mai. 2020.

VIEIRA, I. C. L. Religião, Racismo, Educação: Os Dilemas Do Negro Na Escola. **Revista Unitas**, Vitória-ES, v. 6, n. 2, p. 1-21, nov./2018. Disponível em: <http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/unitas/article/view/595/790>. Acesso em: 13 abr. 2020.

VOCÊ Faz a Diferença. Direção de Miriam Chnaiderman. São Paulo: Educando pela Diferença e Para a Igualdade, 2005. (25 min. e 44 seg.).